

A NOTÍCIA DE JORNAL: TIPO OU ATUALIZAÇÃO DO TIPO NARRATIVO

Cristina Carneiro RODRIGUES*

RESUMO: Trata-se da análise crítica da postulação de van Dijk (1 e 2) de que a notícia de jornal teria superestrutura própria, diferente da superestrutura da narração.

UNITERMOS: Superestrutura; macroestrutura; narração; notícia de jornal.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir a postulação de van Dijk de que, entre outros tipos de textos, as notícias teriam superestruturas próprias (1, p. 167). Estas, assim como as macroestruturas das notícias, foram objeto de trabalho posterior do autor (2), baseado na hipótese de que a notícia é tipo, não gênero, nem atualização de algum outro tipo de texto.

Sua hipótese pode ser confrontada com a de outros autores que, como, por exemplo, Koch e Fávero (3), consideram as notícias, assim como as reportagens, como atualização do tipo narrativo em situações comunicativas. Essa consideração descaracteriza a notícia enquanto tipo de texto, e leva à conclusão de que sua superestrutura não seria especial, ou seja, de que a estrutura formal da notícia seria a do tipo narrativo.

As duas hipóteses serão confrontadas nesse trabalho, com a tentativa de aplicação das superestruturas dos textos narrativos descritas por van Dijk (1) e das superestruturas das notícias, delineadas pelo mesmo autor (2). Os dois modelos serão aplicados a notícias do jornal diário *Folha de S. Paulo* de 15 jun. 90. Foram selecionadas apenas notícias de até cinco parágrafos, pois elas é que formam o corpo editorial da publicação, e, além disso, porque notícias com até essa dimensão são encontradas em todas as partes do jornal, desde a política até as variedades, incluindo os cadernos de economia, esporte, educação e exterior.

* Departamento de Teoria Lingüística e Literária – UNESP – 15055 – São José do Rio Preto.

Do *corpus* constam, portanto, apenas notícias curtas, tratando de assuntos variados, que podem ser consideradas como representativas das notícias publicadas no jornal selecionado.

O trabalho foi dividido em quatro partes. Na primeira será exposta a descrição das superestruturas propostas por van Dijk. Na segunda parte será feita uma tentativa de aplicação das estruturas narrativas descritas por van Dijk (1 e 1990, conferência) ao *corpus* selecionado. Na terceira, serão aplicadas, ao mesmo *corpus*, as estruturas das notícias descritivas pelo mesmo autor (2), visando verificar qual dos modelos seria mais conveniente para a explicação do *corpus* coletado. Na quarta parte serão apresentadas as conclusões do trabalho.

AS SUPERESTRUTURAS

De acordo com van Dijk (1 e 2), as superestruturas são as estruturas globais dos textos esquemas abstratos que determinam a ordem global das diferentes partes dos mesmos. Caracterizam o tipo de um texto, e impõem certas limitações ao seu conteúdo semântico (macroestruturas). Têm caráter convencional, podendo variar de comunidade para comunidade.

As superestruturas são compostas de categorias que se ordenam de acordo com regras de combinação e de transformação. Isso significa que nem todos os textos precisam, obrigatoriamente, ter todas as categorias preenchidas, ou uma mesma ordenação seqüencial. Dependendo do tipo de texto, há categorias obrigatórias e opcionais.

Ao definir as superestruturas dos textos, o autor considera que os esquemas dos textos não são arbitrários e que há uma relação entre esses esquemas e os aspectos semânticos, pragmáticos e comunicativos dos textos.

Quanto à manifestação concreta das superestruturas, só é produzida indiretamente: elas tematizam as regularidades de uso. Isso significa que o autor não afirma que todos os textos possuam, necessariamente, uma superestrutura convencional, mas que as superestruturas específicas impõem certas limitações à forma de um texto. Trata-se de “uma espécie de esquema ao qual o texto se adapta” (1, p. 143).

AS ESTRUTURAS NARRATIVAS

O esquema apresentado por van Dijk (1) para os textos narrativos baseia-se na narração natural. O autor considera que esta fornece o esquema básico, e deste seriam derivadas, por transformações complexas, as narrações literárias. Essa afirmação de van Dijk permite que se considere que outras variantes de narrações também sejam derivadas do esquema básico da narração natural. Essa é uma abertura à possibilidade de se enquadrar a notícia à superestrutura do tipo narrativo.

O exame das características das narrações fornecidas por van Dijk amplia essa possibilidade. A primeira característica, semântica, é que as narrações referem-se à ação de pessoas; e a segunda, pragmática, é que essas ações, ou acontecimentos, sejam explicados de modo interessante. Ambas são aplicáveis às notícias de um jornal diário.

Aberta a possibilidade de enquadramento da notícia à superestrutura da narração, é necessário verificar se as categorias do tipo narrativo podem ser aplicadas à notícia.

De acordo com van Dijk (1990, conferência), as categorias *Complicações* (o que foge à regra, às expectativas) e *Resolução* (diluição da complicação, positiva ou negativa) formam a categoria *Acontecimento*, o núcleo do texto cotidiano. Este pode ser precedido por *Resumo* (sumário da narração, ou mesmo uma palavra-chave) e/ou por uma *Orientação* (ação comum, diária, que será contrastada com o relato marcante, com a quebra da rotina que caracteriza a *Complicação*). O local e as circunstâncias em que o *Acontecimento* têm lugar podem fazer parte da narrativa, sendo incluídos na *Orientação*.

As categorias superestruturais acima relacionadas são, de acordo com o autor, as mais importantes do tipo narrativo, mas, de todas, a única obrigatória é a *Complicação*. Todas as demais são opcionais.

Podem, ainda, aparecer outras categorias: *Avaliação* (opinião, reação do emissor sobre o *Acontecimento*), *Anúncio* (ações futuras), e *Epílogo* (conclusão, moral ou coda).

De acordo com van Dijk ⁽¹⁾, não só algumas categorias podem ficar implícitas, mas também o esquema esboçado não precisa ser seguido de acordo com uma ordenação rígida. Por exemplo, a *Avaliação* pode preceder a *Complicação*, sem que isso comprometa o esquema. Há uma certa liberdade na ordem superficial das categorias.

Tendo como base o esquema categorial acima descrito, passou-se à tentativa de sua aplicação ao *corpus* selecionado. Analisando-se a notícia apresentada no Anexo 1 (“Parlamentares da URSS adiam discussão do aumento de preços”), verifica-se que o título e as quatro primeiras linhas do primeiro parágrafo (de “O Parlamento” a “pelo governo”) encaixam-se perfeitamente na categoria *Resumo*, pois sumarizam a notícia.

As linhas restantes do primeiro parágrafo (de “os aumentos” a “Nicolai Rijkov”) situam o leitor, ou seja, fornecem as circunstâncias em que o acontecimento tem lugar, o que caracteriza o trecho como *Orientação*. O local, URSS, é apenas citado, não é descrito em detalhes: presume-se o conhecimento prévio do leitor. Sob o ponto de vista de um leitor envolvido, é essa a situação que vai ser contrastada, com o relato a seguir. Entretanto, de um ponto de vista não envolvido, não se trata de algo rotineiro, é uma situação nova que está sendo exposta. Para o leitor que não tenha contato diário com o assunto, por esse ponto de vista, trata-se da colocação das circunstâncias em que ocorre o novo.

O segundo parágrafo (de “por 319” a “seus territórios”) fornece o relato que foge às expectativas, caracterizando-se como *Complicação*. No parágrafo seguinte há um trecho que situa essa novidade, caracterizando-se como *Orientação* (de “o plano” a “produtos básicos”). É seguido por uma opinião, ou seja, por uma *Avaliação*, só que não do autor do texto, mas de um parlamentar (de “vários deputados” a “do governo”).

No último parágrafo há um *Anúncio*, ou seja, acontecimentos que podem vir a ocorrer, se a *Complicação* for resolvida (de “O governo” a de “trigo”). Este é seguido por mais informações sobre as circunstâncias gerais (de “cerca de ” a “ração animal”).

Com a análise desse texto verifica-se que o esquema que descreve o tipo narrativo pode ser aplicado à notícia. As categorias não aparecem na ordem canônica, mas são bem definidas. Apenas duas categorias podem ser questionáveis. A primeira, a *Orientação*, que caracteriza as circunstâncias do *Acontecimento*, não é apresentada em um único bloco, esta distribuída por partes na notícia. A segunda é a *Avaliação*, que não tem como fonte o autor da matéria, mas terceiros (fonte externa).

As categorias *Resolução*, e *Epílogo* não ocorrem nessa notícia, mas a ausência de alguma categoria não é incomum, segundo o autor, em narrativas naturais; pode ocorrer, portanto, em outros tipos de narrativas.

Outras notícias foram analisadas, na tentativa de aplicação da superestrutura da narração. No Anexo 2 estão notícias de apenas um parágrafo que se caracterizam por apresentar apenas a categoria *Complicação*, ou seja, apenas a novidade. O título das notícias pode ser caracterizado como *Resumo*, pois sumariza o que é apresentado. As outras categorias estão ausentes.

Entre as notícias de apenas um parágrafo, são comuns, também, as que apresentam apenas as categorias *Complicações* e *Orientação*. No Anexo 3 há alguns exemplos. Analisando-se a notícia que tem como título “Carro-bomba vinga morte de traficante em Medellín” (Anexo 3 (1)), verifica-se que este sumariza a notícia; o trecho entre “A explosão” e “sete edifícios” caracteriza-se como *Complicação*. A parte entre “O atentado” e a “do narcotráfico” situa o local do acontecimento.

Nem todos os artigos do Anexo 3 têm a *Orientação* representada dessa maneira. Na notícia que tem como título “Bomba em Miami atinge Museu de Arte Cubana”, as circunstâncias da ocorrência são fornecidas por uma fonte externa (FBI). No artigo intitulado “Resgate de presidente da Coca-Cola é de US\$ 2 mi”, a *Orientação* é o contexto em que ocorre a notícia (de “O empresário” a “dos autores”). No quarto artigo (“Concurso literário recebe inscrições até 31 de julho”), entretanto, essa categoria é representada pelo local em que informações podem ser obtidas.

No primeiro artigo do Anexo 3 (2), “Acidente mata 3 e fere 38 pessoas no Paraná”, a *Orientação* é representada pelo local da ocorrência que é notícia (de “O acidente” a “Campo Mourão (PR)”).

No último artigo desse Anexo há uma peculiaridade. Estruturalmente, inicia-se pela *Complicação*, e termina com as circunstâncias que provocaram o fato. O problema é estabelecer os limites de cada categoria no texto. O trecho entre “A Correedoria” e “Iguaçu (Paraná)” pode ser classificado como *Complicação*; o trecho entre “Crepaldi foi preso” e “aparelhos eletrônicos”, como *Orientação*. Já o trecho entre “A Sindicância” e “há uma semana”, é problemático: por um lado, estabelece o início da *Complicação*; por outro, refere-se a circunstâncias ocorridas anteriormente. O título (“Policial do Garra é preso e acusado de contrabando”), entretanto,

refere-se a fatos ocorridos na semana anterior; se for classificado como resumo da narração, é esse o núcleo da narrativa, e o trecho problemático faz parte da *Complicação*. Esse caso mostra claramente que a análise da superestrutura está atrelada à macroestrutura do texto, e que nem sempre a atribuição de uma categoria é objetiva.

Notícias de outras dimensões também podem apresentar apenas as categorias *Complicação* e *Orientação*. Como pode ser visto no Anexo 4 (1), que apresenta notícias com dois parágrafos, há o *Resumo*, caracterizado pelo título, a *Complicação* no primeiro parágrafo e a *Orientação* no segundo parágrafo.

Notícias mais longas também podem apresentar a mesma estrutura. No Anexo 4 (2) é apresentada uma notícia em que os três parágrafos iniciais representam a *Complicação* e os dois finais, a *Orientação*, a situação em que ocorre o fato.

Na notícia apresentada no Anexo 4 (3), a *Complicação* é apresentada nos dois parágrafos iniciais. No primeiro, há o relato do acontecimento do autor da matéria. No segundo, há o envolvimento do responsável pela investigação: o autor se distancia, empregando aspas e modais. Esses traços são semânticos, mas, como foi dito acima, muitas vezes é necessário o recurso à macroestrutura. Esta influência na atribuição da categoria; semanticamente, parece tratar-se de uma opinião sobre a ocorrência, o que levaria à sua classificação como *Avaliação*. Entretanto, a própria proposição do autor que resume o texto já traz ao conhecimento do leitor que, o novo envolve o parecer de terceiros (“*A polícia diz que menina foi sacrificada em ritual*”), o que indica, também semanticamente, que o trecho é parte da *Complicação*. A *Orientação*, ou seja, o detalhamento das circunstâncias da ocorrência, está no último parágrafo.

No Anexo 5 é apresentada uma notícia com estrutura similar às apresentadas no Anexo 4: há um *Resumo* (título), uma *Complicação* relatada nos dois primeiros parágrafos, e uma *Orientação*, no último parágrafo. Mas essa notícia difere das anteriores, porque é uma fonte externa que fornece os dados da situação.

As notícias apresentadas no Anexo 6 também são formadas por um *Resumo*, uma *Complicação* e uma *Orientação*, mas há o acréscimo de uma *Avaliação*. Os textos diferem na ordenação das categorias e na origem da *Avaliação*. No Anexo 6 (1), a notícia intitulada “Funcionários da Sharp têm aumento de 56%” tem a *Complicação* no primeiro parágrafo; a *Avaliação*, a opinião sobre o ocorrido, no segundo parágrafo; e a *Orientação*, a situação em que se enquadra o fato, no último parágrafo. O problema é que a *Avaliação* envolve fonte diferente do autor da matéria, e nesta categoria não está claro se é previsto o envolvimento da opinião ou da atuação de terceiros, ou a citação e o testemunho.

Já a notícia apresentada no Anexo 6 (1) intitulada “Ladrões roubam carro do vice-prefeito de SP” tem a categoria *Orientação* subdividida em duas partes. O local da ocorrência está nas quatro últimas linhas do primeiro parágrafo (de “O carro” a “São Paulo”), após elementos da *Complicação*. Seguem-se outros elementos da *Complicação* (segundo parágrafo). O último parágrafo volta a apresentar componentes classificáveis como *Orientação*: a situação geral em que esse fato particular ocorreu. Há, no segundo parágrafo, um trecho (“Não tive tempo de ver nada”) que não pode ser

caracterizado como *Complicação*, pois é a declaração do comportamento da vítima. Seria também uma espécie de *Avaliação* que, como no caso acima, não provém do autor da matéria.

A notícia do Anexo 6 (2) que tem como título “Chiarelli discute com Tuma como fiscalizar” também apresenta a *Complicação* no primeiro parágrafo; só que esta é seguida pela *Orientação*. A *Avaliação*, que pode ter como origem o autor ou terceiros não especificados, está no último parágrafo.

AS SUPERESTRUTURAS DAS NOTÍCIAS DE JORNAL

O esquema apresentado por van Dijk (2) para as notícias de jornal baseia-se na análise qualitativa e quantitativa de cerca de 700 artigos de 250 jornais de 100 países sobre o assassinato de Gemayel no Líbano, ocorrido em setembro de 1982. Sua análise reporta-se tanto às macroestruturas quanto às superestruturas das notícias, mas nesse trabalho será enfatizada sua estrutura formal.

Alguns conceitos organizacionais relacionados às macroestruturas semânticas, devem, entretanto, ser levantados. O autor coloca que nas notícias alguns princípios são diferentes das narrações naturais. A apresentação da notícia pode não seguir a ordem de importância, mas a ordem cronológica de ocorrência (*recency*: o acontecimento mais recente em primeiro lugar). E, se a ordem de importância for seguida, pode ocorrer que as conseqüências sejam apresentadas antes dos acontecimentos, e esses antes das condições. Nos relatos naturais, a ordenação, em geral, não obedece o critério da relevância, mas outro tipo de ordem, em que cada tópico é iniciado e terminado sem interrupções; e as causas são normalmente seguidas pelas condições, pelas circunstâncias, e as conseqüências estão no final.

Já nas notícias, as categorias podem sofrer grandes deslocamentos. A ordem não é fixa nem imutável: há grandes possibilidades de ocorrerem transformações. E o maior problema para a explicação da estrutura da notícia é em relação à descontinuidade: uma mesma categoria pode ser colocada em partes (“a prestação”) por todo o texto. Para explicar esse dado, van Dijk postula que a estrutura da notícia seja de natureza abstrata: não importa a atualização, o importante é que as categorias representem temas e suas inter-relações. O esquema é o *input* para as estratégias de produção, e o papel do analista é determinar as categorias.

E, para van Dijk, o esquema das notícias (superestrutura) tem natureza convencional. As categorias por ele descritas começam pelo *Título* (Obrigatório) e pelo *Lead* (opcional), reunidas em uma categoria de nível mais alto – *Resumo* – pois sumarizam o texto. A categoria de nível corresponde ao *Resumo* é o *Relato*, desmembrado em duas categorias: *Episódio* e *Comentários*.

O *Episódio*, por sua vez, é subdividido em *Eventos* e *Conseqüências/Reações*. Da categoria *Eventos* fazem parte: *Evento Principal*, categoria obrigatória e recursiva (algo que tenha ocorrido recentemente e que é sumarizado pelo *Resumo*); e *Background* (condições gerais, políticas, históricas ou sociais para a ocorrência dos acontecimentos).

tecimentos). Há dois tipos de *Background*: a categoria *História* (acontecimentos ocorridos no passado e que estão apenas indiretamente relacionados ao evento que é notícia) e a categoria *Circunstâncias*, formada pelo *Contexto* (informação sobre a situação em que o acontecimento principal é elemento significativo) e *Eventos Pré-vios* (acontecimentos que ocorreram antes, relacionados ao *Evento principal* como causa deste ou condição direta para sua ocorrência).

Da categoria *Conseqüências/Reações* fazendo parte: descrição de *Eventos/Atos* resultado do *Evento Principal*, e *Reações Verbais* de terceiros, testemunhas ou representantes de grupos afetados pelo *Evento Principal*.

A categoria *Comentários* inclui *Expectativas* (o que pode vir a acontecer) e *Avaliação* (opinião, reação) que normalmente tem como fonte o autor da matéria.

Para van Dijk pode haver alguma dificuldade na atribuição em termos de categorias, ou seja, as superestruturas podem apresentar ambigüidade, sendo dependentes da interpretação formal ou pessoal da informação do texto. Isso aproxima as estruturas formais das semânticas, também dependentes do ponto de vista do analista. Mas, segundo o autor, o importante é que, em princípio, as distinções em categorias podem ser feitas, e que algumas podem ser relevantes para certo tipo de textos, mas estarem ausentes em outros.

O esquema categorial acima descrito foi aplicado ao *corpus*, visando a verificar se este modelo explica com maior propriedade que o modelo narrativo a estrutura das notícias selecionadas.

Na notícia apresentada no Anexo 1, o *Resumo* é representado pelo *Título* e pelas quatro primeiras linhas do primeiro parágrafo (de “O Parlamento” a “pelo governo”); não há *Lead* com corpo ou tipo diferentes da matéria, mas essa é uma característica do jornal *Folha de S. Paulo*, e o trecho citado funciona como tal.

A informação a seguir (de “Os aumentos” a “Nicolai Rijkov”), no modelo anterior descrita como *Orientação*, caracteriza-se, nesse modelo, como *Circunstâncias* (um tipo de *Background*) e pode ser subdividida em: um *Contexto* (de “Os aumentos” a “no país”); em que a situação é delineada; e um *Evento Prévio*, acontecimento ocorrido anteriormente e que é a condição direta para o *Evento* (de “O plano” a “Nicolai Rijkov”).

O segundo parágrafo trata da ocorrência recente que é sumarizada pelo *Resumo*: é o *Evento Principal*, caracterizado, no modelo anterior, como *Complicação*.

No terceiro parágrafo há novamente um trecho que se caracteriza como *Contexto* (de “O plano” a “produtos básicos”). Este é seguido por *Conseqüências/Reações*: há uma *Reação Verbal*, em que a opinião de um deputado é colocada como exemplo da reação de vários parlamentares representantes dos grupos que seriam afetados pelas medidas (de “Vários deputados” a “projeto do governo”). Esse trecho havia sido caracterizado, no modelo anterior, como *Avaliação*.

No último parágrafo há um trecho tratando do que o governo espera que venha a acontecer se o *Evento Principal* for solucionado; este pode ser descrito como *Expectativa* (de “O governo” a “de trigo”), ainda que não tenha como fonte o autor da matéria. O último trecho da notícia (de “cerca de” a “ração animal”) é também um tipo de *Background*: é parte do *Contexto* em que se faz necessária a discussão sobre o aumento de preços.

Ainda que as categorias do esquema da notícia sejam, em princípio, diferentes das categorias do esquema narrativo, a análise do mesmo texto tendo como ponto de partida cada um dos modelos não leva a resultados significativamente diferentes. Os rótulos, ou seja, os nomes das categorias, são modificados, mas correspondem aos mesmos trechos descritos pelas categorias do modelo anterior. Assim, o que havia sido caracterizado como *Orientação*, passa a ser rotulado, a um nível mais alto, como *Background*, e este, subdividido em *Contexto* e *Evento Prévio*. O detalhamento é, sem dúvida, maior, pois nesse modelo há a possibilidade de separação entre o que é situacional e circunstancial e o que é causal. Entretanto, essa possibilidade de maior detalhamento nem sempre é um ponto positivo, pois, como o próprio van Dijk (2) aponta, a atribuição em termos de categorias não é objetiva, é dependente do analista. Em muitos casos, a generalização pode ser conveniente, no sentido de evitar polêmica quanto ao enquadramento de alguns trechos.

Voltando à comparação entre os modelos, o trecho que havia sido caracterizado como *Complicação*, passa a ser o *Evento Principal*. A *Avaliação* de um modelo, passa a ser *Conseqüência/reação*. Em ambos os casos, o modelo da notícia denomina com mais propriedade o trecho analisado. Mas isso, entretanto, não significa que explique melhor a estrutura; apenas indica com maior clareza quais os elementos semânticos que preenchem as categorias formais. Em outras palavras, as restrições quanto ao preenchimento parecem mais claras, porque há nível maior de detalhamento. A categoria *Avaliação* do modelo narrativo, por exemplo, engloba um leque muito grande de possibilidades, enquanto no modelo da notícia essas são mais fechadas, e distribuídas por diferentes categorias (*Conseqüências/Reações* e *Comentários*, ambas subdivididas em categorias de nível inferior).

Já no caso do trecho caracterizado anteriormente como Anúncio e nesse modelo como *Expectativa*, há imbricação: tratam igualmente de prospecção.

A notícia apresentada no Anexo 1 pode, portanto, ter sua estrutura formal descrita por ambos os modelos. O modelo narrativo fornece um quadro mais genérico, enquanto o modelo da notícia permite maior detalhamento, ou seja, prevê maiores restrições quanto ao preenchimento das categorias, inclusive porque prevê número maior de nódulos.

É, entretanto, conveniente verificar se o mesmo ocorre em relação às demais notícias analisadas no item 3 desse trabalho.

As notícias apresentadas no Anexo 2, caracterizavam-se, no modelo narrativo, por apresentarem apenas as categorias *Resumo* (título) e *Complicação*. No modelo da notícia podemos identificar as categorias *Resumo* (*Título*) e *Evento Principal*.

As notícias apresentadas no Anexo 3 (1 e 2) tinham preenchidas as categorias *Resumo* (título), *Complicação* e *Orientação*. A categoria *Orientação* parecia, nas diferentes notícias, representada de diferentes maneiras. Aplicando-se o modelo da notícia, no texto intitulado “Carro-bomba...”, o trecho que havia sido classificado como *Orientação*, caracteriza-se como *Evento Prévio*, acontecimento anterior que é causa para o *Evento Principal*.

Na notícia que tem como título “Bomba em Miami...”, trata-se do quadro geral em que ocorre o *Evento Principal*, podendo ser classificado como *Contexto*. Esse quadro, entretanto, é fornecido por terceiros, e envolve a repetição de eventos ocorridos no passado; mas não se trata de *Evento Prévio*, por não ser causa ou condição para o acontecimento relatado. Também não pode ser caracterizado como *História*, porque o autor mostra que a fonte relaciona diretamente o caso descrito aos ocorridos anteriormente. Essa contextualização é peculiar, não só por ter características similares às demais categorias do *Background*, mas também pelo fato de a fonte externa ser especificamente citada, e não se trata de *Reação Verbal*. Essa notícia mostra o problema do ponto de vista da análise; outro analista poderia determinar que algumas das outras características seria mais importante, e atribuir ao trecho outra categoria.

Na notícia intitulada “Resgate de presidente...”, o que havia sido caracterizado como *Orientação* e classificado como *Evento Prévio*, pois o seqüestro é condição necessária para o pedido de resgate (*Evento Principal*). Nesse texto fica clara uma das afirmações de van Dijk (2): o que é notícia nem sempre é o mais importante; nesse caso, o evento de maior interesse seria o seqüestro; mas este já foi notícia anterior. Vale, agora, o que é mais recente, ou seja, o pedido de resgate, que é o *Evento Principal*.

No texto que tem como título “Concurso literário...”, os dados sobre o local de informações não são tão facilmente classificáveis. É categoria ligada ao *Evento*, caracterizável como *Background*, mas não é fácil enquadrá-la como *Contexto*, pois não se trata exatamente de uma situação em que o *Evento Principal* é elemento significativo. Essa é, entretanto, a categoria mais próxima, pois seguramente não se trata de *Evento Prévio*. Talvez fosse necessário detalhar mais a categoria de nível mais alto, prevendo espaço para preenchimento de, por exemplo, um local de ocorrência. Nessa mesma categoria poderia vir a ser encaixado o local do acidente relatado na notícia “Acidente mata 3...”, no Anexo 3 (2).

No caso da notícia “Policia! do Garra...”, persiste o problema em relação ao estabelecimento de limites. O trecho anteriormente caracterizado como *Orientação* (de “Crepaldi foi preso” a “aparelhos eletrônicos”) pode ser classificado como *Evento Prévio*, pois é condição para o *Evento Principal* (de “A Corregedoria” a “Iguaçu (Paraná)”). O trecho entre “A sindicância” e “há uma semana” pode ser classificado como uma ou como outra categoria, dependendo do ponto de vista da análise. E o título remete ao *Evento Prévio*, causador da sindicância, parecendo haver uma distorção.

Van Dijk (2, p. 78) aborda o problema da distorção de títulos. No caso que analisa em seu trabalho, o trecho promovido a tópico pelo título é a *Ação* conseqüente do *Evento Principal*. O autor explica o fato recorrendo ao que denomina “regra jornalística”, que determina que os últimos acontecimentos são privilegiados; no caso, a ação conseqüente é o fato mais recente, explicando-se sua promoção à qualidade de título. No texto analisado do Anexo 3 (2), entretanto, essa explicação não é válida, pois o título remete à causa, a um fato ocorrido na semana anterior. Seria o caso, inclusive, de se questionar se este texto é realmente notícia, já que, semanticamente, não remete a fatos ocorridos recentemente e que sejam sumarizados no *Resumo*.

As notícias apresentadas no Anexo 4 (1, 2 e 3) e no Anexo 5 também haviam sido analisadas como tendo preenchidas as categorias *Resumo* (título), *Complicação* e *Orientação*. E, assim como as do Anexo 3, no modelo da notícia apresentam *Resumo* (Título), *Evento Principal* e *Background*. Do mesmo modo que as anteriores, estas notícias também podem ser descritas de modo mais detalhado pelas categorias inferiores do *Background*.

Nas notícias apresentadas no Anexo 4 (1), trata-se do *Contexto*. Na apresentada no Anexo 4 (2), o penúltimo parágrafo (de “A greve” a “em Araucária (21)”) pode ser descrito como *Eventos Prévios*, pois trata da causa do *Evento Principal*; e o último parágrafo, como *Contexto*, já que trata da situação geral em que ocorre a greve.

A notícia apresentada no Anexo 4 (3) não é melhor explicada por esse modelo. O *Evento Principal* é o relatado nos dois primeiros parágrafos, porque resumido pelo *Título*, que já especifica que o novo provém de terceiros (*Polícia diz que menina foi sacrificada em ritual*). Assim, as declarações do policial não devem ser classificadas como *Consequências/Reações*, porque não são resultantes do *Evento Principal*, nem como *Comentários*, porque, apesar de estarem semanticamente a nível de opinião não confirmada, posicionam-se como parte da categoria de nível mais alto *Episódio*, dissociada da categoria *Comentários*, ainda que ambas sejam derivadas do *Relato*. Quanto ao último parágrafo, caracteriza-se como *Contexto*: traz informações sobre a situação da ocorrência.

O modelo da notícia também não explica melhor que o anterior o texto apresentado no Anexo 5. O *Evento Principal* é relatado nos dois primeiros parágrafos. O último parágrafo pode ser subdividido em: *Eventos Prévios*, pois o trecho “esforços na luta contra as drogas podem estar começando a dar resultados” são a condição possível para a ocorrência da notícia; e *Contexto*, pois o restante do texto fornece o quadro geral do acontecimento. Fica, entretanto, em aberto o fato de a fonte ser externa e, como no caso acima descrito, não fazer parte da categoria *Comentários*.

Por outro lado, os textos apresentados no Anexo 6 (1) e (2) podem ser analisados com maior propriedade pelo modelo da notícia. O problema em relação ao modelo da narração era em relação às diferentes origens do que havia sido classificado como *Avaliação*. Na notícia intitulada “Ladrões roubam carro...”, a citação da fala da vítima (“Não tive tempo de ver nada”) caracteriza-se como *Reação*, categoria subordinada ao nóculo *Episódio*, explicando o porquê de sua colocação no trecho em que o *Evento Principal* é relatado. O que não fica evidente nessa análise, assim como nos casos descritos no Anexo 3 (1) (“Bomba em Miami...”) e no Anexo 5 (“Oferta diminui...”) é o *fato de o Background* ter tido terceiros como fonte.

Quanto à notícia que tem como título “Funcionários da Sharp...”, o segundo parágrafo, encaixado entre o *Evento Principal* e o *Background*, também pode ser caracterizado como *Reação*, pois a declaração é efeito do *Evento Principal*. Trata, entretanto, de uma dúvida em relação ao futuro, ao que poderia vir a acontecer, característica descrita por van Dijk como preenchendo a categoria *Expectativa*, derivada de *Comentários*. A atribuição da categoria é, assim, dependente do ponto de vista.

No caso da notícia apresentada no Anexo 6 (2), o último parágrafo é um *Comentário*. Trata-se de uma *Avaliação*, ainda que não tenha sua origem especificada.

CONCLUSÕES

Outras notícias, de dimensões aproximadas ou diferentes dessas, de outros dias, ou de outros jornais, poderiam ser analisadas. O resultado, entretanto, não seria muito diferente do que já foi descrito. A notícia pode, de fato, ser analisada empregando-se a superestrutura da narração. O emprego da superestrutura da notícia não acrescenta à análise elementos que sejam significativamente mais explanatórios às estruturas formais analisadas. Apenas, como já foi comentado, os rótulos previstos parecem impor restrições mais claras, fazendo com que a análise flua com maior facilidade. Mas mesmo essa questão pode ser discutida.

De acordo com van Dijk (1 e 2), as categorias formais impõem certas restrições ao conteúdo semântico. Mas essa condição é bastante genérica, pois as categorias são bastante abertas. Por exemplo, não é muito restritivo afirmar que a *Complicação* é lugar dos acontecimentos, ou que a *Avaliação* é o dos estados de ânimo. Ou que, por outro ângulo, do *Background* fazem parte os eventos circunstanciais prévios ao acontecimento que é notícia. Na realidade, essa questão parece ficar apenas em um nível bastante superficial, e a aparente clareza em relação às restrições semânticas é apenas produto de uma denominação direcionada aos temas atualizados em notícias de jornal.

Isso pode ser evidenciado pelo preenchimento das categorias na análise feita nesse trabalho. Todas as categorias das superestruturas das notícias encontram-se preenchidas. Duas categorias da narração, entretanto, não: *Resolução* e *Epílogo*.

Quanto à *Resolução*, parece natural que não ocorra na narração encontrada em jornal. Quanto alguma *Complicação* é resolvida, ela mesma passa a ser a novidade, ou seja, o acontecimento que foge às expectativas que vai formar o núcleo da notícia. Seria o caso de investigações policiais, conflitos, atentados, seqüestros.

Em relação ao *Epílogo*, não é comum que as notícias tragam os textos já fechados: o leitor do jornal é que deve relacionar os diversos acontecimentos, e tirar suas conclusões. Ou lê-las no próprio jornal: essa é a função dos artigos assinados por comentaristas e analistas especializados.

A categoria *Orientação*, por outro lado, nem sempre é muito detalhada nas notícias, pois, em muitos casos, faz parte do conhecimento prévio do leitor. Em geral trata-se da contextualização do fato, porque o leitor não espera o que seja comum e rotineiro em um jornal.

Assim, o que foi visto é que a rotulação, ou seja, a formalização da superestrutura da notícia parece mais conveniente para o gênero de narração que se encontra em jornal. Mas esta pode, igualmente, ser empregada para a análise de outros gêneros de narração. Como exemplo, no Anexo 7, é apresentado um relato que pode ser analisado tomando-se como base qualquer um dos dois modelos.

Se o texto analisado de acordo com as categorias do modelo narrativo, teremos, no primeiro parágrafo, a *Avaliação* do Locutor 1; no segundo parágrafo, a *Orientação*. A partir do terceiro parágrafo há um segundo Locutor, que na primeira e na última li-

nhas dá início à *Complicação*, interrompida por comentários paralelos que podem ser caracterizados como *Avaliação* do Locutor 2. No quarto parágrafo há a continuação da *Orientação*. E a continuação da *Complicação* é apresentada nos parágrafos 5, 6 e 7. Há um *Anúncio* no oitavo parágrafo, e uma *Avaliação* do Locutor 2 no último parágrafo. Nesse caso também não há uma *Resolução* nem um *Epílogo*. A *Orientação* é uma espécie de contextualização. E algumas categorias são, como nas notícias, apresentadas em partes. Também, como no caso de algumas notícias analisadas, não há um único locutor responsável.

Esse relato também pode ser analisado empregando-se o modelo da notícia. Temos, no primeiro parágrafo, um *Comentário (Avaliação)* do Locutor 1. No segundo parágrafo, o *Background*, representado pela *História*, pois se trata de passado remoto. O *Evento Principal* iniciado na primeira linha do terceiro parágrafo é interrompido por *Comentários* do Locutor 2, e volta à cena na última linha. No quarto parágrafo há novamente parte do *Background*, representado pelas circunstâncias mais recentes, que podem ser descritas como *Contexto*. Nos parágrafos 5, 6 e 7 é apresentado o *Evento Principal*. No oitavo, as *Expectativas* do Locutor 2, e no nono, seu *Comentário (Avaliação)*.

Essa análise, ainda que bastante superficial, indica que o esquema não é particular, ou seja, não é apenas aplicável à notícia. Assim, a postulação de que as notícias teriam superestrutura próprias fica bastante prejudicada. Tanto a possibilidade da aplicação do modelo a outras narrações, quanto a possibilidade de aplicação de outro modelo à notícia enfraquecem a hipótese e levam a um impasse teórico.

Ainda se se pensar na narração como um tipo mais amplo, que poderia ser categorizado em diversos subtipos, entre eles a notícia, e cada qual apresentando suas regularidades formais e temáticas, persiste o problema. Isso porque as esquematizações ainda não seriam convenientes em nível explanatório.

E não podem ser consideradas explanatórias porque subjetivas, totalmente dependentes do ponto de vista do analista. O próprio van Dijk levanta a questão de serem dependentes da atribuição do sujeito, quando expõe sua análise das notícias. Mas esse fato não se restringe às notícias: está relacionado às superestruturas e às macroestruturas. Deve-se assumir que são guias diretivas, diretrizes, que podem ou não serem seguidas. São categorias auxiliares, úteis didaticamente no ensino da produção da escrita, pois são genéricas e indicativas.

Admitindo-se que a notícia não é tipo, é atualização do tipo narrativo, e que as esquematizações são indicativas, pode-se aceitar também que em cada subtipo de narração há algumas restrições. Explica-se, assim, porque a rotulação dada pelas superestruturas das notícias parece permitir o encaixe das categorias semânticas com maior clareza. Explica-se, também, a questão do preenchimento ou não de certas categorias.

Sob esse ângulo, percebe-se porque a formalização proposta por van Dijk não permite a abordagem das questões mais intrigantes na produção jornalística. Em seu modelo não há a possibilidade de encaixe da questão do posicionamento ideológico

dos diferentes periódicos. Dois artigos podem ter uma mesma superestrutura, podem ser tematizados pelas mesmas proposições e, apesar disso, representarem tendências políticas totalmente diversas.

Outra questão que não fica resolvida nesse tipo de modelo é a do direcionamento dado pelos títulos. A titulação é uma das mais poderosas "armas" ideológicas da escrita jornalística. Em geral, não se trata de distorção, mas da apresentação do aspecto que o autor, ou o editor, quer destacar. Trata-se do direcionamento da leitura.

Fica em aberto, ainda, a questão da possibilidade de que a análise da notícia em si seja uma maneira de descaracterizar o todo uniforme que é o jornal.

Com o levantamento de todas essas questões não se pretende invalidar o modelo enquanto indicador, enquanto tematizador de possíveis regularidades textuais. A intenção foi questionar o fato de a notícia ser tipo de texto, o que levou ao questionamento do alcance teórico e explanatório das superestruturas e macroestruturas propostas enquanto instrumento de análise.

RODRIGUES, C. C. The news in the press: type or narrative type actualization? *Alfa*, São Paulo, v. 35, 135-159, 1991.

ABSTRACT: This paper deals with the critical analysis of van Dijk's assumption that the superstructure of news in the press is different from the narrative superstructure.

KEY-WORDS: Superstructure; macrostructure; narrative; news in the press.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. van DIJK, T. A. *La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario*. Barcelona: Paidós, 1983.
2. ————. *Structures of News in the Press*. In: van DIJK, T. A. (ed.), *Discourse and communication. New approaches to the analysis of mass media discourse and communication*. Berlin: de Gruyter, 1985, pp 69-93.
3. KOCH, I. V., FÁVERO, L. L. Contribuição a uma tipologia textual. In: *Letras e Letras*, v. 3, n. 1, 1987.

Textos analisados:

Folha de S. Paulo de 15. jun. 90.

GALVÃO, Maria R. *Burguesia e cinema: O caso Vera Cruz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Parlamentares da URSS adiam a discussão do aumento de preços

Das Agências Internacionais

O Parlamento soviético decidiu ontem adiar para setembro a discussão do aumento de preços programado pelo governo. Os aumentos, que teriam início no dia 1º de julho com a subida do preço do pão, seriam a primeira medida concreta da instauração da economia de mercado no país. O plano foi apresentado há um mês pelo primeiro-ministro, Nicolai Rijkov.

Por 319 votos contra 33, o Parlamento decidiu adiar qualquer aumento de preços para setembro, depois de serem con-

sultadas as autoridades das 15 repúblicas soviéticas. Na sessão de quarta-feira, o Parlamento aprovou as linhas gerais do plano e deu prazo até agosto para que o governo apresente detalhadamente o projeto. Ao menos três repúblicas — as mais importantes, Rússia, Ucrânia e Bielorrússia — disseram que não permitiriam qualquer aumento de preços em seus territórios.

O plano prevê aumento de preços em função do fim do subsídio estatal a produtos básicos. Vários deputados acham que a população não suportará o realinhamento. Os deputados da Ásia central acham que a subida de preços

pode causar descontentamento e isso em sua região é muito explorado", disse o deputado Alexei Boyko. Ele citou o exemplo da Quirguízia (sul), em que conflitos étnicos deixaram mais de 150 mortos na última semana. Segundo Boyko, que propôs emendas ao plano, os acontecimentos na Quirguízia criaram um clima desfavorável ao projeto do governo.

O governo acha que o aumento pode reduzir o consumo de pão e levar a uma diminuição na importação de trigo. Cerca de 40% do trigo consumido na URSS é importado. O baixo preço do pão, que não muda desde 1962, faz com que agricultores usem o produto como ração animal.

ANEXO 1

Folha de S. Paulo A-7 (Internacional)

ANEXO 2

Movimento nas estradas é fraco na véspera do feriado

A Polícia Rodoviária considerou "fraco" o movimento de carros na saída para o feriado de Corpus Christi, anteontem. Apenas 33.582 carros saíram de São Paulo em direção à Baixada Santista na quarta-feira. Pelo sistema Anhanguera-Bandeirantes passaram 46.662 carros. A rodovia dos Trabalhadores teve um fluxo de 21.868 automóveis. Não aconteceu nenhum acidente grave nas rodovias estaduais.

Folha de S. Paulo C-3
(Cidades)

Rede Unipark cria selo de estacionamento econômico

A rede de estacionamentos Unipark está lançando o serviço Fast Park. Através de selos auto-adesivos, o cliente pode estacionar seu carro, por períodos de até duas horas, com custo 55% menor que os vigentes. Os selos são vendidos nos estacionamentos em cartelas com 15 unidades.

Folha de S. Paulo Especial 1
(Negócios SP)

Em Recife, trabalhadores da Souza Cruz param

Os trabalhadores da Companhia de Cigarros Souza Cruz em Recife estão em greve desde ontem. Eles reivindicam reposição salarial de 17,67% referentes a perdas salariais de março, abril e maio deste ano. A direção da empresa ofereceu 15% de antecipação salarial em junho.

Folha de S. Paulo B-3
(Economia/Mercados)

Nelson Rodrigues será homenageado em Tatuí

O Teatro Procópio Ferreira de Tatuí, 135 km a oeste de São Paulo, apresenta hoje e amanhã, às 21h., a peça "Perdoa-me por me Traíres", do dramaturgo Nelson Rodrigues. O espetáculo faz parte do Projeto Nelson 10 Anos e tem a direção de Antonio Mendes. Entrada franca.

Folha de S. Paulo E-3
(Ilustrada)

ANEXO 3 (1)

Carro-bomba vinga morte de traficante em Medellin

A explosão de um carro-bomba em Medellin, noroeste da Colômbia, ontem, deixou quatro mortos e 69 feridos e destruiu 33 automóveis e sete edifícios. O atentado ocorreu próximo ao local onde, horas antes, a polícia matara John Jairo Arias, o quinto homem do cartel do narcotráfico.

Resgate de presidente da Coca-Cola é de US\$ 2 mi

Os sequestradores do presidente da Coca-Cola boliviana, Jorge Lonsdale, pediram um resgate de US\$ 2 milhões, segundo o jornal "La Razón", de La Paz, do qual Lonsdale é um dos sócios. O empresário foi sequestrado na segunda-feira e até ontem a polícia não tinha pista dos autores.

Bomba em Miami atinge Museu de Arte Cubana

Uma bomba explodiu ontem no Museu de Arte Cubana, em Miami, destruindo a fachada do edifício e alguns trabalhos expostos. O FBI informou que o ataque é o 17º realizado por extremistas anticomunistas nos EUA contra entidades que promovem as relações com Cuba.

Folha de S. Paulo A-7

(Internacional)

Concurso literário recebe inscrições até 31 de julho

O Concurso Literário Estado de Pernambuco recebe até o dia 31 de julho as inscrições para os nove prêmios que distribui este ano (oito para escritores pernambucanos e um prêmio especial nacional). Informações: Fundarpe, r. Benfica, 133, CEP 50720, tel. 228-3577, Recife, PE.

Folha de S. Paulo E-3

(Ilustrada)

ANEXO 3 (2)

***Acidente mata 3 e fere
38 pessoas no Paraná***

Um acidente envolvendo cinco ônibus de turistas e uma carreta Scania, na madrugada de ontem no Paraná, causou a morte de três pessoas e deixou outras 38 feridas. O acidente aconteceu à 1h30 no km 79 da PR-317, entre Piabiru e Campo Mourão (PR).

**Policia! do Garra
é preso e acusado
de contrabando**

Da Reportagem Local

A Corregedoria de Polícia Civil instaurou sindicância para apurar o envolvimento de policiais do Grupo Armado de Repressão contra Roubos e Assaltos de São Paulo (Garra) com contrabando, na região de Foz do Iguaçu (Paraná). A sindicância, promovida pelo delegado Guilherme Santana, começou com a prisão em flagrante do motorista policial do Garra, Aurélio Crepaldi, 47, há uma semana. Crepaldi foi preso pelo delegado da PF Ricardo Hoff Rocha, em Foz do Iguaçu, sob acusação de contrabandear aparelhos eletrônicos.

Folha de S. Paulo C-3

(Cidades)

ANEXO 4 (1)

Vitória islâmica na Argélia assusta ministra francesa

Das Agências Internacionais

Michelle André, vice-ministra dos Direitos da Mulher da França, disse ontem que a vitória dos muçulmanos fundamentalistas nas eleições municipais e regionais da Argélia, realizadas na terça-feira, lhe dá "calafrios na espinha". "As mulheres correm o risco de ter que suportar todo o peso da opressão islâmica", disse André.

Resultados parciais indicam que a Frente Islâmica de Salvação obteve 53% dos votos e a Frente de Libertação Nacional, 34%. A divulgação dos resultados oficiais finais estava prevista para ontem à noite em Argel (capital).

Folha de S. Paulo A-7
(Internacional)

MIS recebe em SP as inscrições para 6º Rio-Cine

Da Redação

O Museu da Imagem e do Som está recebendo as inscrições para o 6º Rio-Cine Festival, que se realiza de 15 a 22 de agosto no hotel Sheraton, no Rio de Janeiro. Poderão participar do evento as produções nacionais inéditas realizadas após julho de 1989.

O festival conta este ano com mostras competitivas de curtas e médias-metragens em 35 e 16 mm, vídeos U-Matic e VHS e filmes publicitários. As fichas de inscrição podem ser retiradas no MIS (av. Europa, 158, tel. 282-8074 e 280-0896, Jardins, zona sul) até 30 de junho.

Folha de S. Paulo E-3
(Ilustrada)

ANEXO 4 (2)

Greve de petroleiros paralisa três refinarias

Das Sucursais e correspondentes

O primeiro dia da greve nacional dos petroleiros paralisou a produção em três das 11 refinarias da Petrobrás, segundo o comando da categoria. Os petroleiros não fizeram a troca de turno nas refinarias em Paulínia (SP), Araucária (PR) e Manaus (AM). As refinarias de Mataripe (BA) e Capuava, em Mauá (SP), paralisaram anteontem, mas os funcionários voltaram atrás e retomaram o trabalho.

De acordo com o comando nacional de greve reunido em Curitiba, também paralisaram ontem os pólos de extração de petróleo em Carmópolis (SE), Guaporé (RN) e as duas plataformas de Macaé (RJ). Os petroleiros da baixada santista (SP) decidiram ontem pela paralisação. A proposta de greve foi recusada pelos funcionários da Refinaria Henrique Lage, em São

José dos Campos (SP), que fazem nova assembléia hoje.

Ainda vão realizar assembléias os petroleiros das refinarias de Duque de Caxias (RJ), Gabriel Passos (Betim—MG), Alberto Pasqualini (Canoas—RS), os de Pernabumco e do Ceará.

A greve é por tempo indeterminado, contra as demissões de funcionários feitas anteontem. O maior número de dispensas já levantadas pelos sindicatos ocorreu em Macaé (150), Salvador (65), nos pólos de extração no Rio Grande do Norte e Sergipe (65) e na Refinaria do Paraná, em Araucária (21).

A Petrobrás tem 70 mil funcionários, sendo 13 mil nas refinarias. A primeira previsão de demissões era de 16 mil, número que foi reduzido para 4 mil. A greve dos petroleiros foi adiada por duas vezes nas últimas três semanas à espera das listas de demitidos.

Folha de S. Paulo B-3 (Economia/Mercados)

ANEXO 4 (3)

Polícia diz que menina foi sacrificada em ritual

Da Sucursal de Salvador

A polícia da Bahia ainda não tem pistas do assassinato de uma menina de 15 anos encontrada morta anteontem no parque São Bartolomeu, na periferia de Salvador. O corpo foi achado em adiantado estado de decomposição e amarrado em forma de crucifixo. Nenhum documento foi encontrado.

O chefe da 4º Distrito Policial, Agenor Bonfim, disse que a menina teria sido "sacrificada em um ritual macabro". Segundo ele, o local onde o corpo foi encontrado é utilizado para "despachos e oferendas". Ele disse

que imagens de índios e outros tipos de oferendas, como galinha assada e um livro semelhante a uma bíblia, próximos ao corpo da menina reforçam a possibilidade de o crime ter ocorrido durante um ritual.

Ontem, os peritos do Instituto Médico Legal de Salvador ainda não tinham identificado o corpo. Pelo estado de decomposição do corpo, a polícia disse acreditar que a morte tenha acontecido há cinco dias. O laudo mostra a existência de hematomas no corpo e um corte profundo na garganta da menina. Segundo a polícia, ela vestia uma bermuda azul e uma camisa branca.

Folha de S. Paulo C-3 (Cidades)

ANEXO 5

Oferta diminui e preço da cocaína sobe em NY

De Nova York

A cocaína começou a escassear em Nova York. A cocaína vendida nas ruas da cidade está mais cara e menos pura que no ano passado, indicando que a disponibilidade da droga, depois de quase uma década em crescimento, está finalmente diminuindo.

De acordo com informações da polícia, o quilo de cocaína em Nova York subiu de US\$ 24 mil no ano passado para US\$ 35 mil este ano. No mesmo período, o nível de pureza da droga caiu de quase 90% para menos de 60%.

Para o Drug Enforcement Administration (DEA) —agência de

controle de drogas do governo—, os esforços na luta contra as drogas podem estar começando a dar resultado. Segundo Mark Hannan, do DEA de Nova York, ainda não é hora de cantar vitória, mas a crescente onda de cocaína que estava invadindo o país perdeu o seu ímpeto. Nos últimos anos, afirmou, os preços vinham caindo e a pureza aumentando, por causa da grande quantidade de cocaína no mercado. Agora, a “enchente” acabou. Segundo o DEA, indícios de menor disponibilidade de cocaína foram também detectados em Los Angeles (costa oeste dos EUA). (Marcelo Calliari)

Folha de S. Paulo C-1 (Cidades)

ANEXO 6 (1)

Ladrões roubam carro do vice-prefeito de SP

Da Reportagem Local

Dois homens armados de revólveres calibre 38, não identificados pela polícia, roubaram na última terça-feira, por volta da 1h, um Opala oficial azul, chapa branca, do vice-prefeito de São Paulo, Luiz Eduardo Greenhalgh. O carro estava estacionado à porta da casa de Greenhalgh, na rua Cristalândia, Alto de Pinheiros, zona oeste de São Paulo.

No momento do roubo, o segurança particular do vice-prefeito, o soldado da PM C.G., 26, estava dormindo dentro do carro. Além do Opala, os ladrões também levaram um revólver Taurus

calibre 38, de propriedade da Polícia Militar, e um rádio tele-comunicador H.P., com frequência para operar em todas as faixas utilizadas pelas polícias Civil e Militar de São Paulo. "Não tive tempo de ver nada", disse o soldado aos policiais do 14º DP de Pinheiros, onde foi aberto Boletim de Ocorrência.

A polícia informou que o Alto de Pinheiros é um dos bairros com maiores índices de roubo de carros. Segundo a Delegacia de Furtos e Roubos de Cargas e Veículos da Polícia Civil, é roubado em São Paulo um carro a cada cinco minutos e o índice de recuperação é de 30%. (CJT)

Folha de S. Paulo C-1 (Cidades)

Funcionários da Sharp têm aumento de 56%

Da Reportagem Local

A Sharp do Brasil concedeu uma antecipação salarial de 56% a partir de junho para seus 5.400 funcionários em Manaus (AM). O acordo foi negociado durante audiência de conciliação no Tribunal Regional do Trabalho (TRT-AM), depois de 14 dias de greve. A empresa também reintegrou 120 demitidos e concedeu garantia de salários até setembro para todos os trabalhadores.

O diretor-superintendente da Sharp, Ronaldo Alves Portella, 43, disse não saber se a empresa terá condições de absorver o reajuste sem repassá-lo aos preços. Argumentou que a Sharp poderá

enfrentar pressões nos custos dos insumos, por conta de antecipações salariais que os fornecedores também estão concedendo a seus empregados. "É uma questão complexa", afirmou.

Segundo o advogado do Sindicato dos Metalúrgicos, José Oliveira Barroncas, 32, as empresas de Manaus estão concedendo antecipações de 20% a 30%. Ele disse que já foram realizadas dez greves, quatro das quais em andamento (Philips, Semp-Toshiba, SMK e BSR), e previu mais paralisações a partir de segunda-feira. Os 60 mil metalúrgicos da região reivindicam 166,89%.

Folha de S. Paulo B-3 (Economia/Mercados)

ANEXO 6 (2)

Chiarelli discute com Tuma como fiscalizar

Da Sucursal de Brasília

O ministro da Educação, Carlos Chiarelli, se reuniu ontem de manhã com o secretário da Polícia Federal, Romeu Tuma, para discutir a fiscalização das mensalidades escolares. Saiu do encontro adotando um discurso de ameaças: "Espero que todas as escolas cumpram a lei. Quem avisa amigo é".

De acordo com a lei, as escolas estão proibidas de praticar qualquer reajuste em suas mensalidades, mesmo nos meses em que houve reajuste salarial para os professores. A regra é válida para toda a rede de ensino parti-

cular do país, da pré-escola ao ensino superior.

Enquanto exige o cumprimento da lei, o governo deixa de fazer a sua parte: criar uma regra para a saída deste congelamento. O próprio Chiarelli chegou a elaborar uma medida provisória que permitia reajuste de mensalidades nos meses em que o reajuste salarial dos professores fosse obtido por dissídio coletivo. A medida não foi editada, deixando as escolas em situação curiosa: elas não podem dar nenhum aumento salarial para os docentes, sob pena de serem obrigadas a fechar, já que o aumento de custos nunca poderá ser compensado.

Folha de S. Paulo C-6 (Educação)

ANEXO 7

IV. Companhia Cinematográfica Vera Cruz: Origem imediata

Primeira Versão: Adalberto Kemeny¹

A participação da Rex Film e de seus proprietários — Adalberto Kemeny, Rodolfo Lustig e Desidério Gross — na fundação da Companhia Vera Cruz é o único vínculo formal que podemos estabelecer ligando a própria Vera Cruz com o velho cinema paulista dos pioneiros.

Rodolfo Lustig, cinegrafista húngaro, veio para o Brasil em 1922, e foi trabalhar na recém-fundada Independência Films, produtora de jornais cinematográficos. Em 1926, era o diretor técnico da firma, e mandou buscar na Europa seu amigo Adalberto Kemeny, também húngaro e cinegrafista, com quem havia trabalhado na Alemanha nos estúdios da EFA. Por volta de 1928, a Independência deixou de funcionar, e os dois amigos compraram a maquinaria da firma, fundando a Rex Film, que durante vários anos produziu documentários (inclusive o famoso *São Paulo, Sinfonia da Metrópole*), filmes de propaganda e atualidades cinematográficas. Com o início da produção de falados em São Paulo, Kemeny e Lustig passaram a trabalhar em filmes de enredo, como cinegrafistas e técnicos de laboratório; para Wallace Downey e Alberto Byinton, fotografaram *Coisas Nossas*, e para Capellaro, *O Caçador de Diamantes* e *Fazendo Fitas*. Em 1933, a Rex Film fundiu-se com a Rossi Film, formando a Rossi-Rex. Em 38, com a retirada do velho Rossi da firma, os húngaros admitiram um novo sócio, Desidério Gross. Durante esse tempo, a Rex Film se firmara como pequena produtora, modesta mas solidamente, e desenvolvera um setor de serviços de laboratório, que pouco a pouco foi suplantando a produção de naturais na atividade da firma. No final da década de 40, os húngaros já haviam abandonado inteiramente a produção, dedicando-se à revelação e copiagem de filmes, com um próspero laboratório instalado à Rua Jaceguai, não longe do TBC.

"Foi mais ou menos nesta época que surgiu a Vera Cruz", conta o Sr. Kemeny². "Conheço bem a sua história, porque acompanhei o desenvolvimento da companhia desde a idéia inicial até a derrocada. Aquela foi a mais séria de todas as tentativas de fazer nascer o cinema nacional a que eu assisti; houve outras, muitas outras, durante estes anos todos, mas nenhuma com tantas chances de dar certo. Antigamente, além de esforço e boa vontade, não havia um mínimo de condições. Com a Vera Cruz, as coisas mudaram de figura; as circunstâncias eram, talvez pela primeira vez, favoráveis: havia dinheiro a rodo, técnicos estrangeiros, instalações moderníssimas, bons atores, bons diretores, nada faltava. Mas tudo começou de modo inteiramente diverso.

"Meu sócio, Desidério Gross, tinha muita vontade de fazer filmes no Brasil, filmes de boa qualidade, que realmente pudessem equiparar-se aos filmes estrangeiros — e superá-los, perante o público, na medida em que fossem nossos, retratando a nossa terra e coisas que nos dissessem respeito. Mas não via grandes possibilidades de realizar seu plano. Um belo dia, foi assistir a uma representação teatral no TBC. *Arsênico e Alfazema*. Voltou entusiasmado com o espetáculo, com a interpretação de Cacilda Becker, com a direção de Adolfo Celi, com a montagem, os cenários, os figurinos, com tudo. Pela primeira vez via teatro no Brasil, teatro em alto nível, em moldes europeus. Um milagre acontecera, dizia Gross: surgido do nada, acabava de nascer o Teatro Brasileiro! As pessoas que haviam feito este milagre bem poderiam fazer um outro, criar o Cinema Brasileiro!

"O entusiasmo de Gross era contagiante, achamos, eu e Rodolfo Lustig, que talvez ele tivesse razão. Fomos os três falar com Celi, propor-lhe a realização de um filme em conjunto. A Rex forneceria todo o material e a maquinaria e se encarregaria dos trabalhos técnicos de filmagem e laboratório; enquanto a parte artística ficaria por conta de Celi e seus atores.

"Celi também se entusiasmou, e resolveu fazer um teste⁸. Os resultados foram surpreendentes. Apesar das circunstâncias pouco favoráveis — as cenas foram tomadas no palco do TBC, com o próprio cenário de *Arsênico e Alfazema*, sem condições para a gravação do som (tanto que tive de construir um pequeno aparelho especial para a dublagem, posteriormente), sem ensaios preliminares, os atores representando pequenas cenas que Celi inventava na hora — apesar disso, o teste saiu tão bom que o entusiasmo generalizado não teve limites.

"Mandaram chamar Franco Zampari para mostrar-lhe o filme. Zampari chamou Matarazzo. Matarazzo chamou Rheingantz, depois chamou outros e mais outros, e a cada um que via o filme o entusiasmo subia um ponto, até transformar-se em euforia desenfreada. Eu exibia o teste quinze, vinte vezes por dia.

"Planos mirabolantes começaram a se engendrar: a idéia inicial de Gross de montar um pequeno estúdio e uma sala de edição nos porões do TBC, e ali tentar, com os recursos razoáveis de que dispúnhamos, fazer filmes de boa qualidade, foi totalmente posta de lado. Pensava-se agora em termos grandiosos: espaço, Cavalcanti, estrangeiros, milhões, modernidade.

"Acho muito importante frisar a diferença que existiu entre o projeto inicial — produto das conversas de Celi e Gross, e do entusiasmo dos sócios da Rex e dos atores do TBC — e o posterior desenvolvimento desse projeto, produto da energia empreendedora de Zampari. A modesta produtora nos porões do TBC poderia ter sido um grande passo à frente para o cinema nacional, poderia ter tido continuidade; as nababescas instalações à margem da Via Anchieta foram um passo maior do que as nossas pernas."